



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

ELIZABETE JOELY SILVA DE OLIVEIRA

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL: ENTRE VELHAS E NOVAS BARREIRAS

BELÉM

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

ELIZABETE JOELY SILVA DE OLIVEIRA

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL: ENTRE VELHAS E NOVAS BARREIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bibliotecária pela Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará.
Orientador: Prof. Rubens da Silva Ferreira.

BELÉM
2019

CIP - Catalogação na Publicação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará Gerada automaticamente
pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pela autora.

O48r Oliveira, Elizabete Joely Silva de
Retratos da leitura no Brasil : entre velhas e novas barreiras /
Elizabete Joely Silva de Oliveira. -- 2019.
55 f. : il. color.

Orientador: Rubens da Silva Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas,
Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2019.

1. Estímulo à leitura. 2. Biblioteca. I. Instituto Pró-livro. II.
Ferreira, Rubens da Silva. III. Universidade Federal do Pará.
Faculdade de Biblioteconomia. IV. Título.

CDD 372.4145

ELIZABETE JOELY SILVA DE OLIVEIRA

RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL: ENTRE VELHAS E NOVAS BARREIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bibliotecária pela Faculdade de Biblioteconomia do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará.

Banca Examinadora:

Prof. Rubens da S. Ferreira – FABIB/ICSA/UFGA
Orientador

Prof. Luiz Otavio Maciel da Silva – FABIB/ICSA/UFGA
Avaliador

Prof.^a Maria Raimunda de Sousa Sampaio – FABIB/ICSA/UFGA
Avaliadora

Aos meus pais Elza e Francisco por todo amor,
cuidado e carinho durante esta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Elza Teixeira e Francisco Gomes por todo o cuidado, amor, proteção e oração.

Aos meus tios Dener Silva e Rízia Maria, pelo suporte e carinho quando eu mais precisei.

Ao Prof. Luiz Otavio e à Prof.^a Raimunda Sampaio que aceitaram participar da banca de qualificação apresentando contribuições fundamentais a este trabalho, e que agora participam da banca de defesa.

Por fim, agradeço também aos meus professores da Faculdade de Biblioteconomia e em especial ao meu orientador, professor Rubens Ferreira pela orientação e apoio nesta fase final tão importante.

“Um livro é a prova de que os homens são capazes de fazer magia” (Carl Sagan).

RESUMO

O estudo tem como preocupação central o *déficit* na questão do incentivo à leitura, sua democratização e importância para o desenvolvimento da sociedade. Assim, foca no ambiente da biblioteca como espaço democrático e cultural. Busca mostrar a situação da leitura no país por meio da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Como metodologia utiliza a pesquisa bibliográfica e documental, esta última apoiada nos boletins do Instituto Pró-livro – IPL publicados em 2008, 2011 e 2016, a fim de analisar os dados em uma perspectiva quali-quantitativa. O estudo tece um panorama da situação da leitura no Brasil, apontando para antigas e novas barreiras relacionadas à leitura, bem como o perfil dos leitores e suas dificuldades.

Palavras-chave: Estímulo à leitura. Biblioteca. Instituto Pró-livro.

ABSTRACT

The main concern of the study is the deficit in the issue of encouraging reading, its democratization and importance for the development of society. Thus, it focuses on the library environment as a democratic and cultural space. It seeks to show the reading situation in the country through the Retratos da Leitura research in Brazil. As a methodology, bibliographical and documentary research is used, the latter supported by the bulletins of Instituto Pró-livro - IPL published in 2008, 2011 and 2016, in order to analyze the data in a qualitative-quantitative perspective. The study provides an overview of the reading situation in Brazil, pointing to old and new barriers related to reading, as well as the profile of readers and their difficulties.

Keywords: Encouragement to reading. Library. Instituto Pró-livro.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABRELIVROS - Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares

ALA - American Library Association

BRAPCI - Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação

CAPI - Computer Assisted Personal Interviewing

CBL - Câmara Brasileira do Livro

CERLALC - Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe

CCEB - Critério de Classificação Econômica Brasil

CD - Disco Compacto

DVD - Disco Digital de Vídeo

HQ - História em quadrinhos

IFLA - Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias

IPL - Instituto Pró-livro

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

INAF - Indicador de Alfabetismo Funcional

MEC - Ministério da Educação

OSCIP - Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público

PDF - Portable Document Format

PNLL - Plano Nacional do Livro e Leitura

SNEL - Sindicato Nacional dos Editores de Livros

TV - Televisão

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

SCIELO - Scientific Electronic Library Online

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Perfil do leitor e não leitor – gênero e idade	35
Gráfico 2 - Perfil do leitor e não leitor – classe social	37
Gráfico 3 - Perfil do leitor e não leitor – estudante e escolaridade	38
Gráfico 4 - Perfil do leitor e não leitor – Região	39
Gráfico 5 - Razões para não ter lido mais - estudantes x não estudantes	40
Gráfico 6 - Dificuldades para ler	42
Gráfico 7 – Desempenho dos estudantes brasileiros do ensino fundamental em leitura.....	44
Gráfico 8 - Por que a população não frequenta bibliotecas	45
Gráfico 9 - Frequência em bibliotecas e tipo de biblioteca que frequenta	46
Gráfico 10 - Motivos para ir a bibliotecas	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	14
2.1 A natureza do estudo.....	14
2.1.1 A pesquisa documental.....	14
2.1.2 Os dados do IPL	15
2.1.3 Pesquisa bibliográfica	16
3 BIBLIOTECA: TIPOLOGIA E FUNÇÃO NA QUESTÃO DO ESTÍMULO À LEITURA.....	17
3.1 Tipologia.....	17
3.2 Biblioteca, bibliotecário e leitura	20
4 O ESTÍMULO À CONSTRUÇÃO DO HÁBITO DA LEITURA.....	23
4.1 O conceito de <i>habitus</i> associado à leitura	23
4.2 Leitor e leitura	24
4.3 Falando em letramento	26
5 O INSTITUTO PRÓ-LIVRO – IPL	29
6 DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE A LEITURA NO BRASIL	34
6.1 Perfil do leitor	34
6.2 Dificuldades de leitura	40
6.3 O acesso às bibliotecas	44
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias.

(Vargas Llosa).

Diante de um contexto marcado pelas constantes mudanças históricas e sociais, a leitura possui um papel importante para a sociedade. Isso porque ela está associada à educação e ao acesso à informação como direitos de todos, tal como frisa o Art. 5º da Constituição Federal (BRASIL, 1988). Ao considerar especificamente a informação, entende-se que ela é o principal instrumento para a inclusão do indivíduo na sociedade, demandando o aprendizado e estímulo à leitura, esse instrumento potencializador da aquisição do conhecimento.

Segundo o *Public Library Manifesto* (IFLA, 1994), a liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Eles somente serão atingidos quando os cidadãos tiverem acesso às informações que lhes permitam exercer direitos democráticos, de modo a exercer um papel ativo na sociedade. O Manifesto descreve a biblioteca como porta de acesso local ao conhecimento, um espaço que fornece as condições básicas para a aprendizagem contínua, para a tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais. Portanto, a biblioteca e a leitura são fatores primordiais para o desenvolvimento não só do indivíduo, mas da própria sociedade, pois são responsáveis pela transmissão do conhecimento e da cultura.

Bauman (2012, p. 296) conceitua a cultura humana como a mais audaciosa de todas as tentativas de quebrar os grilhões da adaptação, tidos pelo autor como obstáculos fundamentais à plena revelação da liberdade e da criatividade humana. Nesse sentido, a cultura é um audacioso movimento pelo qual o ser humano pode usar a sua capacidade de criar a cada geração, preservando alguns de seus elementos, mas abrindo ao novo.

Diante do contexto apresentado, este trabalho tem como objetivo principal destacar a importância da leitura como fonte de conhecimento para a sociedade, e, ao mesmo tempo, mostrar a biblioteca como um espaço necessário enquanto difusor do conhecimento humano não somente na forma escrita. Em um nível mais específico, tem como objetivo analisar os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgados

pelo Instituto Pró-livro – IPL nos boletins publicados em 2008, 2011 e 2016. Desde seu lançamento, em 2001, a pesquisa em foco Brasil é a única em âmbito nacional que busca caracterizar o comportamento do leitor brasileiro. Com base na análise dos dados constantes nos boletins do IPL, ainda em nível específico, pretende-se identificar antigas e novas barreiras relacionadas à leitura no Brasil.

Do ponto de vista da organização, este estudo é composto de outras seis partes além desta introdução. Na sequência é exposta a metodologia desenhada para a condução do trabalho de coleta e análise dos dados. Posteriormente faz-se uma discussão teórica sobre a biblioteca quanto ao seu papel no estímulo à leitura. Na parte seguinte, e em caráter complementar, discute-se o hábito da leitura. A quinta parte é reservada para dar ao leitor algumas informações sobre o IPL, entidade responsável pela idealização da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Os dados constantes nos boletins publicados pelo IPL nos anos 2008, 2011 e 2016 são analisados no capítulo seguinte.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo é tratada a metodologia elaborada para a pesquisa, procurando esclarecer sobre a natureza do estudo, os tipos de pesquisa aqui utilizados e os dados submetidos à análise.

2.1 A natureza do estudo

Este estudo segue uma abordagem quali-quantitativa. Conforme Minayo (1997), as pesquisas conduzidas sob esse enfoque procuram conciliar a mensuração dos fenômenos investigados com os significados produzidos pelos sujeitos, razão pela qual o pesquisador assume um papel chave na produção de um conhecimento mais complexo. Nesse sentido, os dados quantitativos aqui utilizados são obtidos dos relatórios publicados pelo IPL. Esses relatórios reúnem e divulgam os resultados da pesquisa intitulada Retratos da Leitura no Brasil.

2.1.1 A pesquisa documental

Os relatórios utilizados como fonte de dados correspondem aos que foram publicados nos anos de 2008, 2011 e 2016. Eles foram selecionados por serem os únicos disponíveis para consulta pública no site do IPL. Dois desses documentos são frutos de pesquisas realizadas em anos anteriores, a saber 2006 e 2015, evidenciando que a coleta dos dados é realizada e divulgada em períodos irregulares, isto é, sem obedecer a uma uniformidade cronológica. Essa documentação produzida na pesquisa do IPL é mais bem compreendida quando a data de realização e publicação é associada à edição, de forma que:

- I – Ano da pesquisa: 2006 – Ano da publicação: 2008; Edição: 2ª;
- II – Ano da pesquisa: 2011; Ano da publicação: 2011; Edição: 3ª;
- III – Ano da pesquisa: 2015; Ano da publicação: 2016; Edição: 4ª.

Ainda assim, a consulta a esses relatórios permitiu caracterizar este estudo como do tipo documental, que, de acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 4), ocorre:

Quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos.

Como se vê, trata-se de um tipo de pesquisa que lida com fontes específicas, nas quais os dados primários encontram-se consolidados para o uso do pesquisador, tal como os relatórios do IPL sobre os hábitos de leitura dos brasileiros. Assim, dos relatórios publicados em 2008, 2011 e 2016 o estudo concentrou-se nos dados publicados pelo IPL, a saber: perfil do leitor; o acesso às bibliotecas; motivos para frequentar as bibliotecas; dificuldades de leitura; e as razões para não ler.

Os dados do IPL foram completados por dados obtidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Eles estão concentrados nos índices de analfabetismo na faixa de 15 anos ou mais. Também foram levantados dados produzidos pelo Instituto Paulo Montenegro sobre as proficiências médias por nível de alfabetismo, e sobre a distribuição da população por nível de alfabetismo e escolaridade.

2.1.2 Os dados do IPL

O levantamento dos dados realizado pelo IPL conta com o auxílio do IBOPE Inteligência. Ele é realizado em uma periodicidade regular de três anos. Nesse levantamento os dados são coletados para permitir o monitoramento do impacto dos investimentos na implantação de políticas públicas de fomento à leitura e à valorização do livro e da leitura. Por isso, comparar os relatórios publicados em anos distintos permite identificar as barreiras que existiam e aquelas possivelmente existentes na atualidade, de modo a se produzir um amplo panorama da situação da leitura no Brasil.

A pesquisa capitaneada pelo IPL segue um padrão internacional, pois a metodologia foi desenvolvida pelo Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (CERLALC/UNESCO¹) com a finalidade de estabelecer parâmetros internacionais para a comparação entre os países da Ibero-América, e também de possibilitar a produção de séries históricas sobre o comportamento leitor.

Já na pesquisa em campo e coleta de dados, a pesquisa do IPL envolveu a aplicação de questionário e a condução de entrevistas presenciais face a face, com

¹ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

duração média de 60 minutos. Elas foram realizadas nos domicílios, alcançando abrangência nacional. Ela foi dirigida aos brasileiros residentes com cinco anos ou mais de idade, alfabetizados ou não. Ao todo foram realizadas cerca de 5.012 entrevistas em 317 municípios. Em sua condução, as entrevistas foram realizadas por uma equipe de entrevistadores devidamente treinada, supervisionada e identificada como sendo do IBOPE Inteligência.

A coleta dos dados foi realizada com o questionário programado em um *software* para tablets, usando a metodologia conhecida como *Computer Assisted Personal Interviewing* (CAPI), utilizando um questionário estruturado com perguntas fechadas, semiabertas e de citação. Esse instrumento teve como referência o questionário aplicado em 2011, de forma a possibilitar a comparação com as edições anteriores; porém, ele sofreu alguns ajustes, de acordo com a avaliação e a nova orientação do CERLALC.

O critério utilizado na pesquisa do IPL para definição da classe dos respondentes é o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB). Ele estabelece um sistema de pontuação no qual cada atributo recebe pontos. Esses pontos são somados ao final das perguntas, resultando nas seguintes classes econômicas: A, B1, B2, C1, C2, D e E. O critério de Classificação Econômica no Brasil é um instrumento usado para diferenciar a população e classificá-la em classes que variam entre A1 (classe mais alta) a E (classe mais baixa).

2.1.3 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa das fontes bibliográficas foi conduzida na base de dados *Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação* (BRAPCI) e na biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO). Nesses recursos foram utilizados termos de busca referentes ao hábito/gosto pela leitura. Conforme Marconi e Lakatos (2008, p. 48) esse tipo de pesquisa é conduzida em fontes secundárias, abrangendo a bibliografia já tornada pública em relação ao tema investigado, incorporando desde publicações avulsas até boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas e outros.

3 BIBLIOTECA: TIPOLOGIA E FUNÇÃO NA QUESTÃO DO ESTÍMULO À LEITURA

Neste capítulo interessa definir a biblioteca enquanto espaço em que são oferecidos diferentes serviços e produtos de informação para a comunidade de usuários, procurando apresentar sua tipologia e relação com a leitura, destacando ainda o papel do bibliotecário como mediador.

3.1 Tipologia

A palavra biblioteca etimologicamente quer dizer caixa/armário de livros, guardiã dos saberes da humanidade, muito tem se preocupado em conservar seus acervos em vez de divulgar seus conhecimentos. O acesso à biblioteca, no entanto, não pode estar limitado ao seu público, impedindo o acesso ao conhecimento e a inclusão social. Portanto, é necessária uma maior visibilidade social das bibliotecas em geral, com posicionamentos estratégicos que atraiam e atendam as necessidades informacionais e culturais da comunidade nas quais encontram-se inseridas.

A biblioteca, segundo Pimentel, Bernardes e Santana (2007, p. 22), consiste em ser um “centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação”. Poderá servir também como suporte à comunidade em suas necessidades. Os autores definem também bibliotecas como espaço de inclusão social, que se configuram como ambiente democrático independente da condição social, pois a informação exerce papel fundamental no grau de consciência que cada cidadão tem dos seus direitos e deveres como membros de uma sociedade.

Silva e Siqueira (2014, p.39-40), acreditam que:

A simples existência dessas bibliotecas não basta para que as suas funções elementares sejam cumpridas. São necessários programas e procedimentos que se somem aos processos vigentes de educação. Ou seja, um plano de trabalho a partir do qual o bibliotecário articule o know-how informativo com as competências exigidas, dentre as quais, atividades de alfabetização e inclusão digital.

Procedimentos estes que favoreçam a visibilidade das bibliotecas como ações culturais que atraiam o público e que também vá até ele, utilizar de ferramentas

estratégicas que ultrapassem as barreiras existentes e promovam mudanças positivas no atual retrato da leitura no país.

Ao longo dos anos o conceito de biblioteca foi sendo alterado e adaptado em meio às novas necessidades informacionais da sociedade. A biblioteca convencional, como explica Cunha (2008, p. 4) “é aquela em que a maioria dos itens do seu acervo é constituída de documentos em papel”. Os tipos de bibliotecas tradicionais mais comuns de acordo com Vieira (2014), são:

- a) **públicas:** foram criadas com a finalidade de atender às necessidades informacionais de estudo, leitura complementar, consulta e recreação de toda a comunidade;
- b) **nacionais:** têm como principal finalidade a preservação da memória nacional e do patrimônio cultural;
- c) **especializadas:** visam atender às necessidades informacionais de um grupo específico de uma ou algumas áreas específicas do conhecimento humano;
- d) **universitárias:** têm a finalidade de atender a comunidade acadêmica de acordo com a bibliografia solicitada. Estas podem ser centralizadas ou descentralizadas/departamentais, que são as unidades que possuem acervo próprio em campi diferentes;
- e) **escolares:** buscam fornecer o material bibliográfico necessário e exigido por professores para atender as necessidades informacionais da comunidade escolar;
- f) **bibliotecas pessoais/particulares:** forma as coleções que existem nas casas das pessoas.

Além da biblioteca tradicional, surgiram outras denominações como a biblioteca interativa e a biblioteca universal por exemplo. Com o desenvolvimento do meio digital surgiram outros termos para representar a biblioteca: biblioteca digital, biblioteca eletrônica, biblioteca virtual. Além desses existe também o termo biblioteca híbrida, que a autora Rusch-Feja (1999) define como um modelo transacional entre a impressa e a digital. Atualmente, os tipos de biblioteca variam como os dois tipos distintos citados acima, de forma que é possível falar em: bibliotecas físicas, constituídas por acervo e espaço físico, onde é possível encontrar jornais, revistas, CDs e DVDs, etc.; e as bibliotecas virtuais, com acervo formado por documentos eletrônicos do tipo PDF, e-book, etc.

A palavra “biblioteca”, como dizem Miranda, Leite e Suaiden (2008), deixou de ser uma denominação aplicada a uma instituição encarregada, desde a Antiguidade, de apenas preservar os acervos ou ser um prédio com vocação específica. Ela tornou-se um substantivo comum, próprio para todo e qualquer conjunto de acervos tangíveis ou virtuais. Tal como observa Carvajal Pérez e Ramos Garcia (2001, p. 204):

Ensinar a utilizar a biblioteca significa abrir um caminho essencial para o acesso ao conhecimento e a leitura de ficção. Nela, os aprendizes de leitor podem experimentar a leitura como um instrumento que lhes proporciona a chave de entrada para um amplo mundo de possibilidades do saber.

Vê-se que não somente o sentido de biblioteca mudou ao longo da história, mas também o público a que serve, deixando de ser um espaço reservado à realeza, à nobreza e ao claro, para tornar-se, sobretudo a partir da Modernidade, um lugar aberto a outros públicos, de acordo com sua natureza.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 27) mostram que a biblioteca tem condições favoráveis para a formação de bons leitores. Entretanto:

Faz-se necessária uma proposta educacional que tenha em vista a qualidade da formação a ser oferecida a todos os estudantes. O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente se expressa como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem.

É necessário, portanto, mudar esse conceito de que a mesma é apenas um depósito silencioso de livros. Pois, como afirma Freire (2005, p. 87), “a biblioteca popular como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação íntima com o contexto”. Mas para uma mudança neste contexto, precisa-se de empenho e compromisso por parte dos profissionais da informação, para que mudanças positivas ocorram.

Amaro (1998, p.58), enfatiza que a biblioteca é um serviço de informação que busca estabelecer relações de interação entre o sujeito, a informação e a cultura, para que o mesmo seja não só receptor, mas também um produtor. Na concepção do autor, a

biblioteca deixa de ser apenas um espaço de difusão ou disseminação da informação e da cultura, para ser também um espaço de expressão.

Para Ribeiro (1997, p. 61), a biblioteca precisa ser entendida como “um espaço democrático onde interajam alunos, professores e informação. Esse espaço democrático pode estar circunscrito a duas funções: a função educativa e a formação cultural do indivíduo”. Por espaço democrático, entende-se um ambiente estimulador e acolhedor, onde as diferenças individuais são amplamente respeitadas. Portanto, promover o fácil acesso à biblioteca é de extrema importância, pois é uma forma de disseminar cultura para a comunidade, além de contribuir para a construção de conhecimento sendo uma forma de ajudar a eliminar as diferenças sociais na nossa sociedade. Ela tem como função disseminar informação, conhecimento e ideias fundamentais para a aprendizagem e inclusão do indivíduo em uma sociedade baseada na informação e no conhecimento e preparar os usuários para viver como cidadãos intelectualmente desenvolvidos com pensamentos críticos e responsáveis.

3.2 Biblioteca, bibliotecário e leitura

De acordo com o Manifesto *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA, 1999), bibliotecários e educadores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia² na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação.

A importância de competências de leitura no âmbito da literacia é um dos pontos-chaves para a inclusão do cidadão na sociedade, pois a literacia é uma condição da cidadania. Como diz o New London Group (1996, p. 60) “ter competências em literacia permite a uma pessoa compreender melhor o mundo que a rodeia, assim como dar respostas a solicitações de natureza social, técnica e profissional”.

O bibliotecário, assim como o educador, nesse meio educativo tem o papel fundamental de mediador da informação, cabe a ele o papel de intervir no processo de incentivo e mediação da leitura. Facilitando e auxiliando o usuário em sua busca, com o objetivo principal de disseminar e facilitar a busca da informação. E entra com uma função educativa fundamental, que segundo Correa (2002, p. 107-123):

² Literacia corresponde à capacidade de compreender, usar e refletir sobre textos para atingir um objetivo, desenvolver o conhecimento e potencial individual para participar/atuar na sociedade (OCDE, 2012).

Se concentra no sentido de auxiliar a comunidade na utilização correta das fontes de informação, dando um embasamento para que o educando saiba usufruir esses conhecimentos, também fora do ambiente escolar. Ele ensina a socialização, através do compartilhamento de informações, de utilização de materiais e ambientes coletivos, preparando assim o educando no desenvolvimento social e cultural.

O mediador da informação é aquele que vai além do auxílio à comunidade e tem o compromisso de se envolver, indo além das técnicas elaboradas. Levando os futuros leitores às práticas sociais de leitura, dinamicamente, proporcionando uma inclusão literária e social. Portanto, o educador e o bibliotecário teriam a função de intervir pedagogicamente, contribuindo de maneira direta com a formação dos alunos e influenciando positivamente em seu desempenho acadêmico. Abrindo também espaço para a criatividade e dinamicidade, propondo interação e diálogo, desta forma, aproximando o leitor do texto.

Segundo Silva (2006, p. 74), o perfil do mediador de leitura “deve ser de leitor, caso contrário, terá dificuldade para mediar a leitura na escola, pois basicamente sua ação estará ancorada no discurso acerca do ler, e não na busca de estratégias eficazes à formação do leitor.” Ou seja, não servem de nada discursos vazios a respeito da importância da leitura e sim a prática e o exemplo, como bases eficazes da mediação. A partir de uma eficaz mediação, a leitura passa a ser além de um instrumento de lazer, uma fonte de conhecimento e cultura para toda a comunidade. Assim, o Manifesto IFLA/UNESCO (1999) entende que:

Os serviços das bibliotecas devem ser oferecidos igualmente a todos os membros da comunidade, a despeito de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e status profissional e social. Serviços e materiais específicos devem ser disponibilizados a pessoas não aptas ao uso dos materiais comuns da biblioteca.

Pois todos os indivíduos de diferentes culturas e classes sociais devem ser democraticamente inseridos no contexto educacional, através da incorporação de práticas educativas, como a promoção da cultura e divulgação da leitura, de forma que possam evoluir intelectualmente e buscar o conhecimento como forma de libertação.

Entre os (as) autores (as) que estudam o caráter educativo das bibliotecas, tem-se Kuhlthau (1999, p. 10). Diz essa autora que, nas bibliotecas, o leitor:

precisa desenvolver habilidade de aprender em situações de mudança, sem se tornar oprimido e desencorajado. Precisa também desenvolver habilidade de aprender a partir de uma abundância de informação, sem se tornar frustrado, distraído e sem motivação. Precisa desenvolver habilidade de ir além do encontrar fatos, a fim de criar seu próprio entendimento em nível mais profundo.

Em face ao que foi discutido, entende-se que criar cidadãos competentes em informação é uma das missões a serem cumpridas pelas bibliotecas, para que se tornem capazes de posicionar-se com criticidade diante de situações e perspectivas sociais, pois a ignorância é um terreno fértil para a manipulação e alienação. A ausência de informação faz com que o indivíduo seja passivo mediante as ordens recebidas e da verdade apresentada como absoluta.

O conceito de competência em informação, segundo Dudziak (2003, p. 28) é entendido como o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua distância, de modo a proporcionar um bom aprendizado ao longo da vida.

Os investimentos em bibliotecas e na propagação da leitura, portanto, precisam ser tidos como prioridade, pois é urgente a necessidade da valorização de ambientes como este, que são pontes para o acesso à cultura e à educação.

4 O ESTÍMULO À CONSTRUÇÃO DO HÁBITO DA LEITURA

O presente capítulo é dedicado à discussão da leitura, seja do ponto de visto conceitual, se quanto às agentes e ações envolvidos no processo de estímulo para torná-la um hábito entre as pessoas.

4.1 O conceito de *habitus* associado à leitura

O *habitus*, em um conceito usado por Bourdieu (1983, p. 19), corresponde à cultura e é visto como “um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam”. Para o sociólogo, é um conjunto de “ações e reações incorporadas pelas pessoas a partir da vivência em sociedade, constrói-se no processo de socialização onde o indivíduo o adquire pelas interações sociais” (BOURDIEU, 1983, p. 19).

De acordo com Baechler (1995, p. 57), o conceito de socialização pode ser definido como “a capacidade humana de estabelecer redes através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem os seus interesses, gostos, paixões, opiniões, classes sociais, etc”. Contemporaneamente, uma das muitas formas de socialização se dá por meio da internet, essa infraestrutura tecnológica que permite o acesso a outros materiais de leitura como os e-books, áudio-livros e outros formatos digitais.

Para a formação do hábito da leitura seria necessário se apropriar dos meios tecnológicos de sociabilidade e utilizá-los de modo a promover o desenvolvimento cognitivo humano, criando esquemas e ações voltadas ao estímulo da leitura. Colocando em prática projetos que permitam o contato do indivíduo com objetos e meios culturais.

O ato de ler, no entanto, não pode estar limitado apenas ao livro físico, pois, como mencionado acima, os livros na sociedade atual se encontram em mais novos e diversos formatos, e a leitura está por toda parte. Há quem prefira histórias em quadrinhos, quem tenha afinidade com mangás³ e outros que preferem a leitura digital.

³ Mangá é um termo de origem japonesa, que resulta da junção de outros dois vocábulos do *nihongo* (a língua japonesa): *man* (involuntário) e *gá* (imagem); significa, portanto, uma “forma livre” de se desenhar (GRAVETT, 2006).

De acordo com as pesquisas do IPL (2016), os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites, aplicativos. Enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades.

O ato de ler como aquisição de conhecimento ou distração está para além do suporte que recebe a escrita. Conforme Silva (2015, p. 18):

É seguro afirmar que a leitura é fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos, das organizações e das nações, pois, a leitura pode levar à apropriação da informação, que pode levar à construção do conhecimento, que pode levar ao desenvolvimento individual, organizacional e social.

Portanto, é importante criar vínculos de aprendizado com diferentes suportes e tipos de textos, para que a missão de se conseguir uma sociedade cada vez mais leitora seja concretizada.

4.2 Leitor e leitura

A leitura contribui diretamente no desenvolvimento cognitivo e intelectual dos indivíduos, pois ao praticarem o ato de ler estes estarão se apropriando da informação, e, ao adquirirem o hábito se tornarão letrados e competentes em informação.

Chartier (2003, p. 36) defende que “o leitor se forma através de vários processos de atribuição própria de significado e de sentido, quando em contato com objetos pertencentes à cultura”. O processo de formação de um leitor crítico e reflexivo envolve a constituição da história de relações sociais do sujeito, conforme este vai absorvendo experiência da sua cultura vai criando seus próprios valores e ideais, constituindo assim sua subjetividade individual e descobrindo uma nova realidade.

As relações sociais, segundo Vygotsky (1998, p. 23), são determinantes no processo de formação dos sujeitos, isso porque “o homem biológico transforma-se em social, por meio de um processo de internalização de ações e de signos culturalmente desenvolvidos”.

Apesar dos princípios fundamentais que a Constituição Federal (1988), tais como uma sociedade livre, justa, solidária, com a redução das desigualdades sociais e a erradicação da pobreza, os índices apontam que ainda há muito que ser melhorado no país, pois as desigualdades ainda prevalecem e a sociedade necessita de mudanças positivas, começando pela educação. Pois, conforme a Carta Magna (1988) “é função primordial do Estado ocupar-se dos direitos básicos da população e de seu desenvolvimento econômico e social. A leitura constitui-se num desses direitos e contribui para o desenvolvimento. O que se pede ao Estado é a vontade política para articular, estimular e apoiar experiências qualificadas” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 1994, p.16).

Freire (2005) aborda o vínculo político que a educação assume no processo de formação do leitor, visto que passa a ser compreendida como ferramenta de libertação, que faz da pessoa um cidadão crítico capaz de tomar suas próprias decisões e intervir nas decisões tomadas por ela. Diante disso, ler torna-se um ato político, pois a leitura liberta o sujeito da ignorância e o torna um ser pensante e livre.

A Biblioteconomia tem papel crucial e direto em relação à leitura e em sua propagação. Citando Ranganathan (2009), e suas cinco leis fundamentais para a Biblioteconomia cabe lembrar que: os livros são para serem usados; a cada leitor seu livro; a cada livro seu leitor, economize o tempo do leitor; uma biblioteca é um organismo em crescimento. Pode-se perceber a prioridade e a importância que é dada ao leitor e à leitura dentro do campo. Porém, será que os profissionais da área estão fazendo algo a respeito?

Na Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003 (BRASIL, 2013), que institui a Política Nacional do Livro, vale destacar no Art. 1º as seguintes diretrizes gerais relacionadas à leitura:

- I – assegurar ao cidadão o pleno exercício do direito de acesso e uso do livro;
- II – o livro é o meio principal e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do conhecimento, do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria de vida [...]; / V – promover e incentivar o hábito da leitura [...]; / IX – capacitar a população para o uso do livro como fator fundamental para seu progresso econômico, político, social e promover a justa distribuição do saber e da renda; / X – instalar e ampliar o país livrarias, bibliotecas e pontos de venda de livro [...]; /XII – assegurar às pessoas com deficiência visual o acesso à leitura.

Para Freire (2005, p. 87), a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Para o autor, é necessário ir além da leitura mecânica e de um amontoado de palavras e entender o contexto relacionado ao assunto.

Segundo Eco (1976), a leitura prepararia o leitor para momentos de crescimento intelectual e psicológico, produzindo “um trabalho de transformação do texto que se realiza pelo funcionamento de certas faculdades humanas”.

Abreu (1995), conta que “A leitura tem sido, historicamente, um privilégio das classes dominantes; sua apropriação pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só à elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais”.

As diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil – especialmente para a biblioteca e à formação de mediadores – foram instituídas no Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), que foi instituído e firmado por meio da Portaria Interministerial Nº 1.442, de 10 de agosto de 2006, em 1º de setembro de 2011, por meio do Decreto Nº 7.559. Assim, segundo o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) (BRASIL, 2006):

As diretrizes têm por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável.

Assim, criar o hábito da leitura é um dos aspectos fundamentais para a formação de uma sociedade leitora. A formação do hábito da leitura se dá prioritariamente pela constante estimulação por meio de diversas formas e estratégias.

4.3 Falando em letramento

O hábito de ler tem consequências libertadoras, através dele o caminho da educação é traçado de maneira promissora e democrática. A democratização do hábito da leitura proporciona o enriquecimento cultural e intelectual, além de uma cultura letrada que contribui diretamente com a igualdade social.

No entanto, um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. Segundo Soares (1998): “Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita”.

O conceito de letramento, de acordo com Kleiman (1995): “é um conceito criado para referir-se aos usos da língua escrita e da leitura não somente na escola, mas em todo lugar”. Pois, ambas estão por toda parte, fazendo parte do cotidiano e do dia a dia de cada um. Elas estão dentro de um ônibus, em panfletos e anúncios distribuídos pelos cantos da cidade, e assim por diante.

Ao entrar no que se pode chamar de “processo de letramento” o indivíduo estaria fazendo o que Freire (2005), chama de “leitura do mundo” onde linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A partir de uma série de reflexões, sua perspectiva passaria a ser outra, pois, ao se tornar letrado sua leitura se tornaria crítica, analítica e profunda.

O desenvolvimento da capacidade crítica e analítica dos indivíduos é algo que depende do modo como leem, refletem e compreendem a informação, passando pela chamada competência em informação. De acordo com a *American Library Association* – ALA (1989):

Para ser competente em informação, uma pessoa deve ter habilidade para reconhecer quando a informação é necessária e ter a capacidade para localizar, avaliar e suprir efetivamente a necessidade de informação. Para produzir tal cidadão será necessário que escolas e faculdades compreendam e integrem o conceito de *information literacy* (competência em informação) nos seus programas de aprendizagem e que elas desempenhem um papel de liderança na preparação dos indivíduos e instituições para tirar vantagem das oportunidades inerentes à sociedade da informação. Finalmente, pessoas com competência em informação são aquelas as quais aprenderam a aprender.

Ao se tornar competente em informação o indivíduo será capaz de julgar o que será relevante para suprir a sua necessidade informacional, mas para que ele se torne de fato competente, precisará aprender a ser. Para isso, conforme a citação acima diz, será necessário uma integração de tal competência em programas de ensino, incluindo as bibliotecas, o que seria de real importância: uma preparação de seu público (por meio de palestras, por exemplo) com foco em sua aprendizagem e competência informacional.

Com base em uma leitura crítica e aprofundada, o aluno terá uma nova percepção da leitura. Haverá levantamento de dúvidas e questionamentos referentes ao assunto lido. O aprendizado só estaria garantido para o aluno quando se revelar o poder de transformação e mudança que o texto possui.

Foucambert (1994, p. 18) ressalta que o leitor deve perceber quando o texto foi gerador de novos significados para ele. Sua leitura, no entanto não deve ser a “repetição mecanicamente memorizada”, de acordo com Freire (2005, p. 29), deve ser uma leitura analítica e profunda, feita crítica e harmoniosamente. Portanto, não basta apenas ter acesso, é essencial que haja o estímulo da prática da leitura ao longo da formação do leitor, para que finalmente ele desenvolva sua autonomia e as competências informacionais que lhe são exigidas. Pois a leitura se torna uma contribuição para a sua inserção na sociedade e para o seu desenvolvimento cognitivo social.

5 O INSTITUTO PRÓ-LIVRO – IPL

O IPL (2008) é uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura. Ele foi criado em outubro de 2006, e iniciou suas atividades em 2007. Como resultado de estudos e conversação entre representantes do governo e entidades do livro. Atualmente é mantido pelas entidades fundadoras – Abrelivros ⁴, CBL ⁵ e SNEL ⁶ – e contribuições voluntárias de editoras. A diretoria do Instituto é composta por representantes das três entidades fundadoras.

O IPL (2008) apresenta-se como uma:

Constitui uma resposta institucional à preocupação de especialistas de diferentes segmentos – públicos e privados – das áreas da educação, cultura e de produção e distribuição do livro, pelos níveis de letramento e hábitos de leitura da população em geral e, em particular, dos jovens, significativamente inferiores à média dos países industrializados e em desenvolvimento. Concretiza-se num conjunto de estratégias destinadas a promover a competência leitora, os hábitos de leitura e o acesso aos livros, especialmente voltado à inclusão cultural de 70% da população brasileira que não tem acesso ao livro e aos bens culturais.

A missão do Instituto é a de contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas a transformar o Brasil em um país leitor. A pesquisa tem periodicidade de três anos e busca acompanhar o impacto dos investimentos orientados pela implantação de políticas públicas no fomento à leitura e na valorização do livro. Os lançamentos das edições das pesquisas não seguem uma periodicidade fixa. Sua primeira edição foi lançada em 2001, com a segunda edição apenas em 2008. Já a terceira edição em 2011 e sua mais recente e quarta em 2016, onde foram realizados dois Seminários de Lançamento da quarta Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, no mês de maio em São Paulo e na Fundação Biblioteca Nacional no centro do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi um projeto que se tornou referência como o primeiro e único estudo em âmbito nacional sobre o comportamento leitor do brasileiro. Os resultados a partir da primeira edição até hoje influenciam estudos, orientam decisões de governo e

⁴ Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares.

⁵ Câmara Brasileira do Livro.

⁶ Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

são citados por especialistas da área. Além de buscar ações efetivas para a construção de um Brasil leitor.

Ele conta com recursos financeiros das contribuições de seus associados para desenvolver diretamente ou apoiar projetos de estímulo à leitura e promoção de acesso ao livro envolvendo toda a população. A missão do instituto é contribuir para o desenvolvimento de ações voltadas a transformar o Brasil em um país leitor. Assim como contribuir para a melhoria dos indicadores de letramento e de hábitos de leitura do brasileiro, como condição de inclusão cultural e desenvolvimento sustentado, por meio do apoio e promoção de ações voltadas a fomentar a leitura e a produção, distribuição e acesso ao livro no Brasil.

O Instituto Pró-Livro (2008):

Se propõe a desenvolver suas atividades por meio da concepção e/ou execução direta de programas, projetos e planos de ação, ou, a apoiar projetos e programas selecionados, por meio de financiamento, repasses, doações, ou, prestação de serviços de apoio.

Para isto, o Instituto, baseado em seu Estatuto, pode estabelecer acordos, convênios e parcerias com empresas e entidades públicas e/ou privadas e sociedades qualificadas como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP nacionais e internacionais.

O IPL busca ser uma Instituição eficaz e reconhecida pela sua capacidade de buscar recursos e de promover projetos de responsabilidade social junto às entidades associadas do mercado livreiro; bem como, ser reconhecida pela sua capacidade de implementar e apoiar ações voltadas ao desenvolvimento da capacidade leitora da sociedade brasileira; estabelecendo parcerias com entidades Públicas e Privadas, oferecendo efetivo apoio e buscando alternativas para o desenvolvimento de políticas e programas de governo; tornando – se referência no desenvolvimento de projetos na área do livro e da leitura.

O Público-alvo são os Dirigentes de Ministérios e Órgãos Estaduais e Municipais de Educação e Cultura; gestores e técnicos de órgãos públicos e não governamentais responsáveis por programas e projetos de leitura; dirigentes e técnicos da cadeia produtiva do livro e suas entidades; pesquisadores, educadores, bibliotecários, voluntários e agentes da cadeia mediadora da leitura e mídia especializada entre outros.

Nas pesquisas do IPL (2008) a população brasileira com cinco anos ou mais é considerada leitora, de acordo com os critérios das pesquisas (ter lido ao menos um livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores à pesquisa). Um dos principais destaques das pesquisas recentes é o fato de a população adulta e a que está fora da escola estarem lendo mais do que foi observado nos anos anteriores da pesquisa, embora ser leitor ainda seja uma característica significativamente associada à escolaridade, à renda e ao contexto socioeconômico no qual os indivíduos estão inseridos, o que aponta para um desafio no processo de inclusão de parte significativa dos brasileiros na população leitora.

De acordo o Instituto Pró-Livro (2008), os resultados globais desses estudos nacionais e internacionais, realizados nas últimas duas décadas, demonstram que a situação do Brasil é grave, revelando baixos níveis de letramento e habilidades leitoras significativamente inferiores à média de outros países em desenvolvimento, inclusive da América Latina e Ásia, tanto na população adulta, como entre crianças e jovens em idade escolar.

Segundo o Instituto Pró-Livro (2008), uma das principais causas do elevado índice de analfabetismo funcional e das dificuldades generalizadas para a compreensão da informação escrita se localiza na crônica falta de contato com a leitura, sobretudo entre as populações mais pobres. Portanto, o conjunto de estratégias como as do Instituto IPL, que são destinadas a promover a competência leitora e o acesso aos livros no país é uma das muitas formas de contribuir para a inclusão cultural da população brasileira que não tem acesso ao livro e aos bens culturais. Porém, a situação atual ainda é preocupante. Apesar de Projetos já lançados na última década e de ações isoladas, verifica-se que os resultados são insuficientes e que, para inverter a situação, se torna urgente compreender as razões mais profundas do problema e lançar medidas adequadas e sistemáticas. Faz-se urgente o envolvimento de toda a sociedade, uma mobilização que em especial ofereça condições para que as escolas e as bibliotecas sejam devidamente preparadas para intervir na promoção da leitura, desenvolvendo atividades destinadas a cultivar o interesse pelo livro, o gosto e o prazer de ler.

No Brasil as pesquisas e as avaliações educacionais apontam para a precária formação de um público leitor e revelam as imensas dificuldades para o sucesso das ações envolvidas na solução do problema. Esses estudos confirmam que a exclusão social se agrava com a exclusão cultural, deixando à margem do efetivo letramento cerca de três quartos da população brasileira. As consequências desse hiato não afetam

somente os indicadores da educação no Brasil, mas, infelizmente, explicam o grave quadro social e macroeconômico do país e seu potencial de desenvolvimento.

Todos os esforços devem ser orientados para a superação do hiato cultural e o caminho que vislumbramos é o de contribuir para melhorar a competência leitora dos brasileiros por meio do estímulo à leitura, a produção de textos e do acesso aos livros. Faz-se necessário que se resgate o valor do livro e da leitura no imaginário popular.

O objetivo principal do IPL é, portanto, o de conhecer o comportamento leitor medindo a intensidade, a forma, as limitações, a motivação, as representações e as condições de leitura e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira. Propiciar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade, com base no consenso de que competência leitora é um dos recursos indispensáveis na sociedade contemporânea para o desenvolvimento pessoal e a inclusão social. Somente dominando essa habilidade será possível exercer de forma integral sua cidadania, sua criatividade e conhecer os valores e modos de pensar de outras pessoas e culturas e ter acesso ao conhecimento, à herança cultural da humanidade, e conseguir uma posição digna no mercado de trabalho, na sociedade da informação e do conhecimento. É condição para melhorar os indicadores da educação e de desenvolvimento humano do país.

A pesquisa busca conhecer o comportamento leitor do brasileiro e compará-lo ao não leitor, por:

- Gênero, idade, escolaridade, classe social, se estudante etc;
- Regiões e estados brasileiros;
- Hábitos e preferências, barreiras, influências e representações sobre a leitura (no imaginário coletivo);
- Leitura de livros digitais, leitura em meio digital e uso de diferentes materiais, suportes e dispositivos para a leitura.

Os eixos estratégicos do IPL que orientam as ações desenvolvidas ou apoiadas pelo Instituto para a promoção da leitura e do livro organizam-se em cinco Eixos:

- Promoção do acesso ao livro a todos os cidadãos;
- Fomento à leitura e formação de mediadores;
- Valorização da Leitura;
- Desenvolvimento da cadeia produtiva do livro;
- Inclusão cultural e cidadania.

O IPL estabelece seu Planejamento Estratégico segundo seus Eixos Estratégicos. Também segue como orientação o PNLL; estudos de especialistas e de organismos internacionais e nacionais como UNESCO e CERLALC e pesquisas realizadas pelo Instituto, como a Retratos da leitura no Brasil. O Planejamento Estratégico estabelece as principais diretrizes, estratégias, objetivos e metas que deverão orientar as ações do Instituto. Deverão orientar também a avaliação de resultados e da eficácia das diferentes estratégias que adotou na implementação de ações que priorizam e focam sempre na questão do incentivo à leitura e em sua propagação.

6 DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE A LEITURA NO BRASIL

A leitura no Brasil é influenciada por diversos fatores. O baixo índice de leitura no país de acordo com pesquisas do Instituto Pró-livro, pode ser uma das consequências das condições socioeconômicas e educacionais da população do país, assim também como a falta de incentivo que poderia ser resolvida através de programas e ações que incluam e incentivem a prática da leitura.

Caldin (2002) afirmou que, no Brasil, o insucesso escolar é em grande parte devido à falta de habilidade de ler da maioria da população. Por não investir devidamente no setor educacional, os índices se mantêm abaixo da média, conforme divulgado pelo Ministério da Educação (MEC) nos últimos anos. O gosto pela leitura é um hábito que se consolida a partir da prática cotidiana, devendo, portanto, ser estimulado desde a infância, até tornar-se uma necessidade.

O levantamento dos dados estatísticos a seguir foi realizado pelo IPL e aplicado pelo IBOPE Inteligência. Dos indicadores que o IPL trabalha foram selecionados três para serem apresentados e discutidos neste estudo: (1) o perfil do leitor; (2) dificuldades de leitura; (3) o acesso às bibliotecas. Embora soem poucos, de fato eles são bastante detalhados e ensejam muitas discussões, tal como apresentado a seguir.

6.1 Perfil do leitor

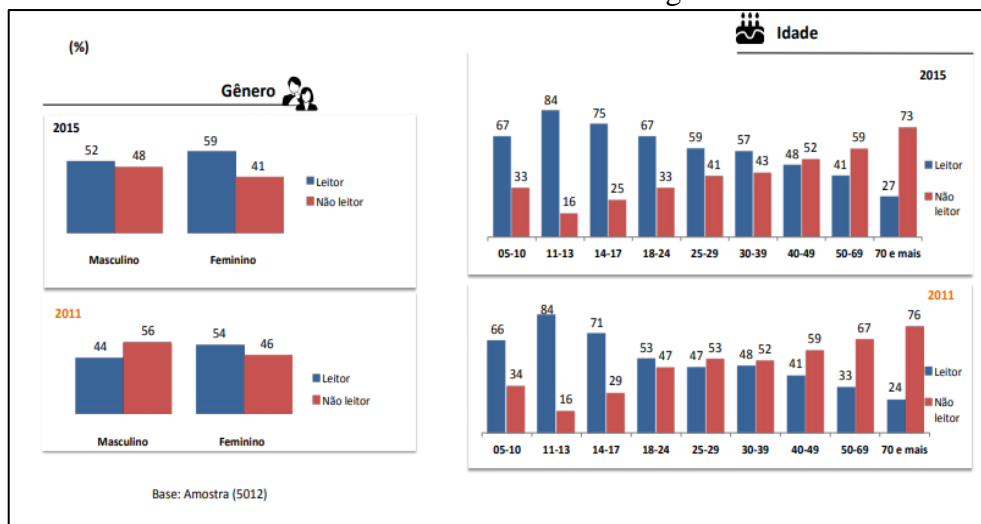
Os dados sobre o perfil do leitor produzido pela pesquisa do IPL são aqui agrupados em termos de gênero, idade, classe, escolaridade e região.

No Gráfico 1, obtido da quarta edição da pesquisa, realizada no ano de 2016, podemos perceber que o número de leitoras é superior ao número de homens. Esse dado corresponde ao registro do Censo 2010 (IBGE, 2010), segundo o qual dos jovens de 15 a 17 anos que frequentavam o ensino médio, 42,4% eram homens e 52,2% eram mulheres, o que se reflete também no ato de ler, em que elas se destacam. Têm-se também dados dos anos de 2011 e 2015 quanto à idade e ao gênero da população consultada na pesquisa do IPL.

Referente à idade, nota-se no Gráfico 1 que os jovens têm lido mais. Isso fica evidente quando 84% daqueles entre 11 e 13 anos se declararam leitores. Já entre os que têm idade entre 14 e 17 anos, 75% também assim se identificaram. Essa identificação se dá de acordo com o critério adotado na pesquisa. Assim, é considerado leitor nos

critérios da pesquisa do IPL aquele que leu pelo menos um livro inteiro ou em partes nos últimos três meses. Ainda que necessário para a condução da pesquisa, considera-se que o critério de leitura de um livro em três meses é insuficiente para caracterizar um leitor, definindo-o por baixo. Para a pesquisa, não leitor é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido algum livro nos últimos 12 meses.

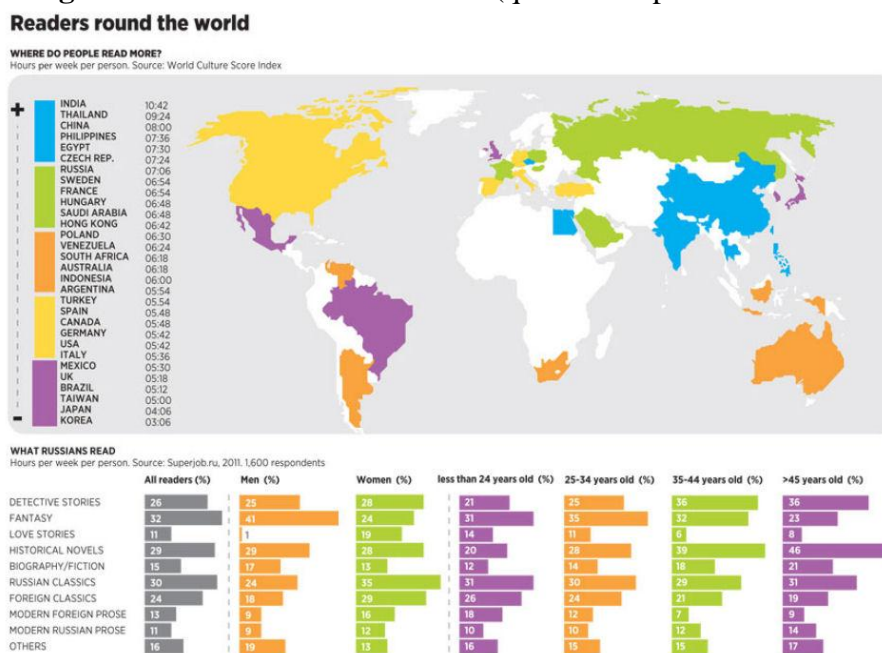
Gráfico 1 - Perfil do leitor e não leitor – gênero e idade.



Fonte: IPL (2016).

Uma pesquisa de caráter mundial levada a cabo em 2011 pela *Market Research World* resultou na construção do Índice Cultural Mundial que, entre outros quesitos, contempla a leitura. Assim, diferente da pesquisa do IPL, baseada na leitura da unidade livro, a *Market Research World* adota o critério de horas lidas. Os dados divulgados no site da Biblioteca Parque Villa-Lobos (2016), que aparecem na Figura 1, revelam que a Índia lidera o *ranking* em primeiro lugar, pois nesse quesito os indianos têm como hábito de leitura a média de 10 horas e 40 minutos semanais. Na América do Sul, países como Venezuela (14º lugar) e Argentina (18º lugar) estão mais bem colocados em relação ao Brasil (27º lugar), em que a população lê, em média, cinco horas e dez minutos por semana.

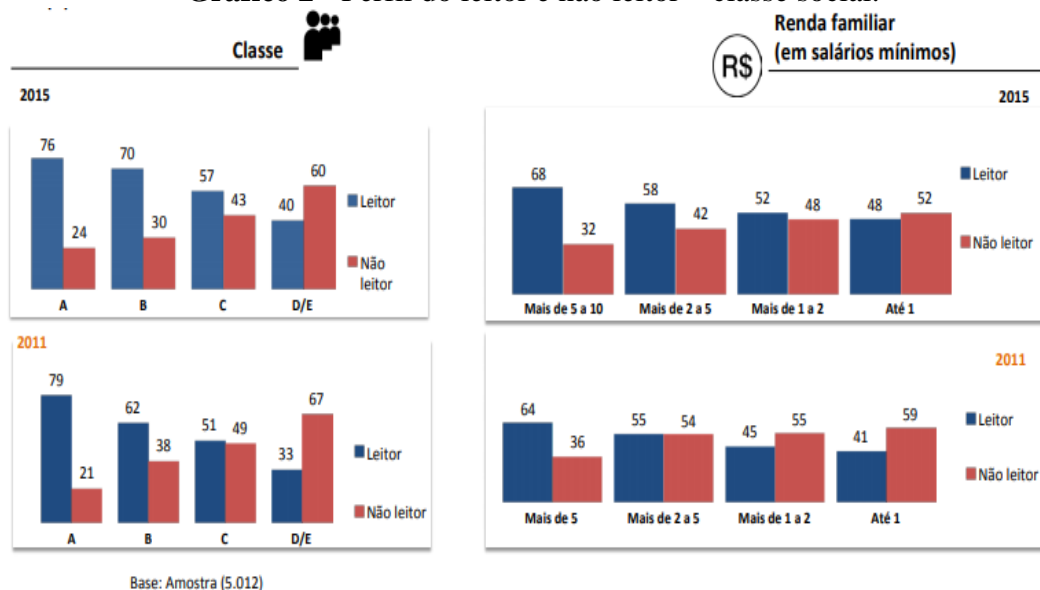
Figura 1 – Países leitura do mundo (quesito tempo dedicado à leitura).



Fonte: Biblioteca Parque Villa-Lobos (2016).

Ao observar o Gráfico 2, relativo aos dados de 2011 e 2015, tem-se uma visão de que, conforme a classe social e o nível de instrução, a leitura mostra-se mais presente. Nesse sentido, entre os entrevistados da classe A, verifica-se que o hábito da leitura é mais forte entre as pessoas adultas, levando-se em consideração o período da vida que Rosa (1994) situa entre 20 e 60 anos de idade. Nesse caso, o conceito de Bourdieu (1983) de *habitus* ajuda a compreender a consolidação da leitura entre esse grupo, ou seja, como algo já devidamente incorporado à vida desses indivíduos. Todavia, à medida que se avança para as classes B, C, D e E, os jovens constituem maioria entre os leitores, especialmente por estarem vinculados à educação formal, ocupação essa que lhes exige leitura frequente para o estudo. Nessas classes, a prática da leitura entre os adultos diminui visivelmente, de onde pressupomos que os adultos estão mais envolvidos com a vida laboral para o sustento da unidade familiar.

Gráfico 2 - Perfil do leitor e não leitor – classe social.



Fonte: IPL (2016).

Ainda sobre o Gráfico 2, pode-se averiguar que variáveis como escolaridade e nível de renda influenciam de maneira significativa a prática da leitura. Logo, quanto maior é a renda ou maior é a posição que o indivíduo pertence na pirâmide sócio-estrutural brasileira, mais consolidado é o hábito da leitura, o que novamente aponta para o conceito de *habitus* em Bourdieu (1983). Ainda em relação a esse Gráfico, tem-se outro conceito de Bourdieu capaz de explicar os dados recolhidos pelo IPL: o de capital cultural. Esse tipo de capital está associado, entre outras coisas, à disponibilidade de bens culturais pelas famílias, a exemplo de livros e dos recursos digitais para consumo da leitura⁷. Com efeito, a condição social é um dos fatores que influenciam diretamente na aquisição do hábito da leitura, bem como no acesso a materiais impressos ou digitais, marcando assim a diferença social entre indivíduos e grupos.

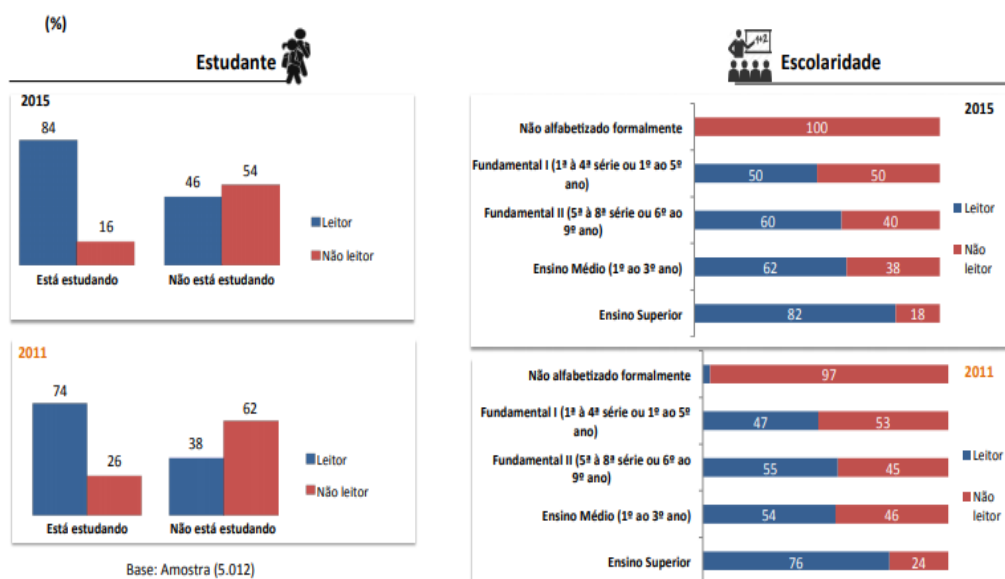
O ponto de vista de Chartier (2003) reforça o papel do capital cultural na formação do leitor. Segundo esse autor, o leitor se forma por meio de vários processos, entrando em contato com objetos pertencentes à cultura. Isso nos leva a entender que, ao possibilitar o contato direto com o livro ou com outros materiais de leitura, a formação

⁷ Détéz (2005, p. 6, grifo nosso) explica precisamente o sentido desse tipo de capital como concebido por Bourdieu: “O capital cultural é composto em três dimensões: uma forma objetiva, constituída de **bens culturais materiais** (tal como os livros, as bibliotecas, as coleções, os discos, e todo tipo de objeto que possa indicar o “nível” cultural), uma forma institucionalizada (os diplomas escolares) e uma forma incorporada, correspondente à reunião das disposições e das competências cognitivas e estéticas que formam o “gosto” e os “dons”, produzidos pelo *habitus*” (tradução livre).

do leitor tem maiores chances de ser consolidada, à medida que se instala uma espécie de gosto capaz de impactar positivamente na vida do indivíduo.

O Gráfico 3, por vez, ocupa-se dos dados relacionados à escolaridade. Nele percebe-se o aumento na quantidade de leitores entre os anos de 2011 e 2015, precisamente entre estudantes e não estudantes.

Gráfico 3: Perfil do leitor e não leitor – estudante e escolaridade

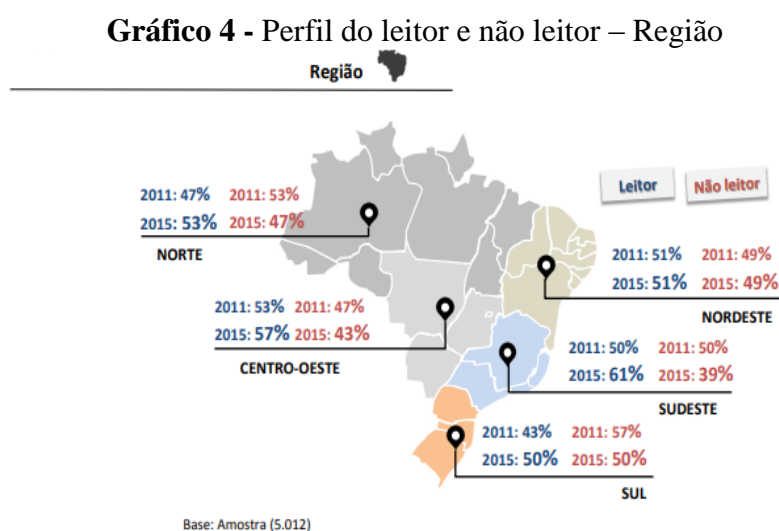


Fonte: IPL (2016).

Conforme mostra o Gráfico 3, de 2011 para 2015 o número de leitores estudantes (74% para 84%) e não estudantes (38% para 54%) aumentou. Esse aumento pode ser verificado em todos os níveis de escolaridade, ou seja, do ensino fundamental ao superior, mas com destaque para o ensino médio (de 54% para 62%). No mesmo período, entre as pessoas não alfabetizadas, verifica-se um decréscimo na leitura, caindo de 3% para zero, dado esse que carece de maiores elementos para ser mais bem compreendido.

Como se sabe, pessoas com maior nível de escolaridade tendem a ter maior habilidade leitora, o que lhes permite desenvolver outras relações com o texto para além do seu uso instrumental. Isso corresponde ao que diz Freire (2005), ao afirmar que a leitura da palavra escrita amplia a leitura do mundo. Portanto, a habilidade leitora é uma competência importante para a vida pessoal, social e profissional dos indivíduos, à medida que os habilita a lidarem com diferentes realidades.

Ao olhar a distribuição dos leitores por região, os dados referentes ao perfil do leitor entre 2011 e 2015 apontam para um aumento da população leitora. Esse aumento é registrado em quatro cantos do país, conforme mostra o Gráfico 4. Nas Regiões Norte (47% para 53%), Sudeste (50% para 61%), Centro-Oeste (53% para 57%) e Sul (43% para 50%) a população leitora se destaca. Na Região Nordeste (50%), a pesquisa do IPL aponta certa estabilidade. Por outro lado, entre as pessoas qualificadas como não leitoras pela pesquisa, tem-se uma queda maior entre os estados da Região Sudeste (50% para 39%), do Norte (53% para 47%), do Sul (57% para 50%) e do Centro-Oeste (47% para 43%). No Nordeste, os índices de não leitores se mante invariável.



Ao considerar o período em que foram desenvolvidas as pesquisas do IPL sobre a leitura no Brasil, ele envolve anos nos quais o país tem experimentado diversas iniciativas sociais, escolares, acadêmicas, privadas, governamentais e não governamentais com foco na promoção da leitura. Na esfera governamental, em nível federal, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) ligado do Ministério da Cultura (MinC) vem apoiando projetos voltados ao fortalecimento das bibliotecas públicas desde 1992. Segundo dados do próprio Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) ([201-?]), o Brasil dispõe de atualmente de 6.057 bibliotecas públicas, distribuídas nos municípios de 26 estados mais o Distrito Federal.

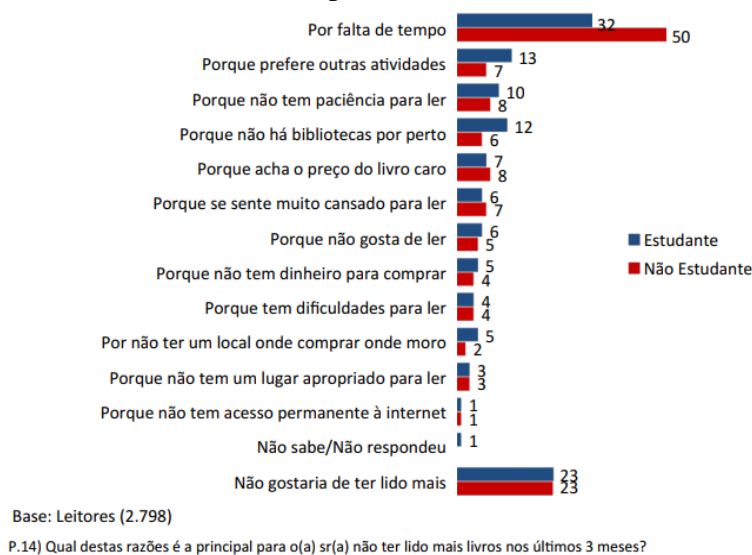
Em cursos universitários também se observa a presença de projetos de extensão voltados à leitura. A Faculdade de Biblioteconomia (FABIB) da Universidade Federal do Pará (UFPA), por exemplo, apenas para se falar das iniciativas locais e mais

recentes, tem atuando nesse cenário com os projetos⁸: Informação, leitura e cidadania no Espaço Cultural Nossa Biblioteca, no bairro do Guamá⁹; Turma da leitura: leitura para pacientes do Hospital Oncológico Infantil Octávio Lobo/Belém-Pa¹⁰; e Boas práticas em biblioteca escolares e comunitárias: organização de acervos e promoção da leitura¹¹. Iniciativas de outras instâncias poderiam ser acrescentadas a essas, mais isso escapa ao escopo deste estudo. Assim, acredita-se que as ações levadas a cabo por diferentes instituições e pessoas podem estar contribuindo para um quadro mais positivo da leitura no país.

6.2 Dificuldades de leitura

Os dados que compõem esta parte do estudo correspondem à categoria “dificuldades de leitura”, presente nas pesquisas do IPL tomadas aqui para análise. As respostas seguem o padrão desse instituto, sendo agrupadas em leitores e não leitores. Elas estão presentes no Gráfico 5 e 6, nos quais estão apresentadas, respectivamente, as razões para não ler e as dificuldades relacionadas à leitura.

Gráfico 5 - Razões para não ter lido mais - estudantes x não estudantes



Fonte: IPL (2016).

⁸ Conforme informações disponíveis no Folder da FABIB, impresso em 2018.

⁹ Coordenado pelo professor doutor Hamilton Oliveira.

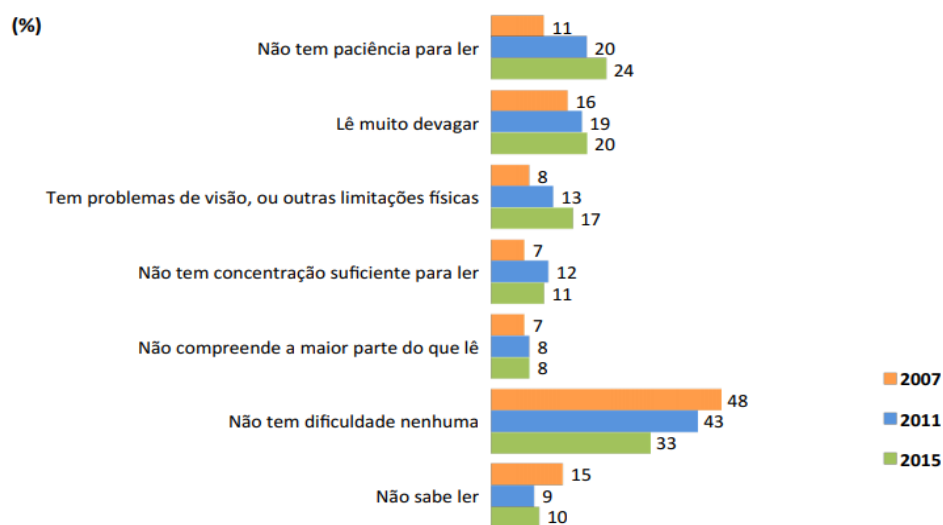
¹⁰ Coordenado pela professora doutora Franciele Redigolo.

¹¹ Coordenado pela professora mestra Telma Sobrinho.

Ao observar o Gráfico 5, vê-se que a *falta de tempo* é apontada como o principal motivo entre não estudantes (50%) e estudantes (32%) para não ler. Outras respostas explicações dadas pelos entrevistados são: prefere outras atividades; não têm paciência para ler; não há bibliotecas por perto; o preço do livro é caro; cansaço; não gosta de ler; não tem dinheiro para comprar livro; tem dificuldade para ler; não tem lugar para comprar livro onde mora; não tem lugar apropriado para ler; não acesso permanentemente à Internet; não gostaria de ter lido mais.

O que chama a atenção nas respostas do Gráfico 5 é que elas são fornecidas também por estudantes, ou seja, por pessoas que estão envolvidas em uma atividade que lhes exige a leitura. Conforme destaca a IFLA (1994), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1997) e autores como Pimentel, Bernardes e Santana (2007), a leitura é imprescindível ao processo de aquisição de conhecimento na escola, possibilitando o aprendizado de conteúdos curriculares e extracurriculares necessários não somente necessários ao melhor desempenho dos estudantes, mas também a uma formação emancipadora e cidadã. Esses dados inclusive se contrapõem à ideia de que a *leitura traz conhecimentos*, tal como mostra o conjunto dos brasileiros que responderam à pesquisa do Instituto Pró-Livro, Retratos da Leitura no Brasil (2016).

Sobre o Gráfico 5, também merece destaque entre os não leitores a menção à falta de gosto pela leitura e a preferência por outras atividades. Questões devem ser levantadas a respeito dessas explicações para não ler, como: a falta de tempo seria algum tipo de desculpa? Quais são as causas para a falta de gosto pela leitura? A escola está falhando em uma atividade fundamental na vida do estudante? Como tornar a leitura uma atividade atrativa e interessante a ponto de mudar os estereótipos existentes sobre ela? Como falar em *prazer pela leitura* ou *gosto pela leitura* quando ela é fomentada como obrigação? O problema estaria na imposição sobre o que se deve ler? Há espaço para autonomia do leitor na escola? Enfim, essas são apenas algumas das questões a serem investigadas para que se compreenda o complexo problema da leitura entre brasileiros que, entre os entrevistados do IPL, aparece como algo negativo, que “ocupa muito tempo”, para o qual não têm “paciência”, ou que “não gostariam de ter lido mais”.

Gráfico 6 - Dificuldades para ler

Base: Amostra 2007 (5.012) / 2011 (5.012) / 2015 (5.012)
 P.39) O(A) sr(a) tem algumas das seguintes dificuldades para ler?

Fonte: IPL (2016).

No Gráfico 6, vê-se que, em relação às dificuldades para ler, parte dos entrevistados (17%) informou algum problema na visão ou físico, dado esse que aumentou em comparação aos anos anteriores. Outros (8%) falam de dificuldade na compreensão ou na falta de habilidade leitora, ligeiramente maior que em 2007 (7%), o que coaduna para o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF)¹².

O Instituto Paulo Montenegro (2018), em um estudo para medir os níveis de alfabetismo da população brasileira de 15 a 64 anos, entre os anos de 2002 e 2018, mostra que a taxa de analfabetismo funcional no Brasil caiu a uma taxa de 10%, conforme registra a Tabela 1. Em 2002 eles perfaziam 39% da população. Em 2018, os analfabetos funcionais representam 29% dos brasileiros que apresentam dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita, das operações matemáticas em situações da vida cotidiana, bem como reconhecer informações em um cartaz ou folheto, ou ainda, fazer operações aritméticas simples com valores de grandeza superior às centenas.

¹² O termo é usado para caracterizar “grupos que, tendo alguma vez aprendido a ler e escrever, devido ao não uso dessas habilidades, retornam à condição de analfabetos” (RIBEIRO, 1997, p. 145).

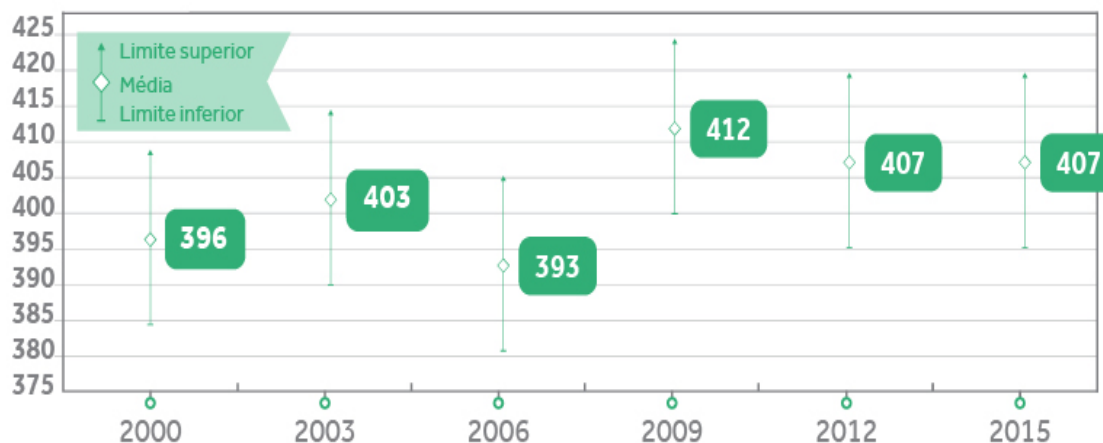
Tabela 1 - Proficiências médias por nível de Alfabetismo

Nível	2001 2002	2002 2003	2003 2004	2004 2005	2007	2009	2011	2015	2018
BASE	2000	2000	2001	2002	2002	2002	2002	2002	2002
Analfabeto	12%	13%	12%	11%	9%	7%	6%	4%	8%
Rudimentar	27%	26%	26%	26%	25%	20%	21%	23%	22%
Elementar	28%	29%	30%	31%	32%	35%	37%	42%	34%
Intermediário	20%	21%	21%	21%	21%	27%	25%	23%	25%
Proficiente	12%	12%	12%	12%	13%	11%	11%	8%	12%
Total ²	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Analfabeto Funcional*	39%	39%	37%	37%	34%	27%	27%	27%	29%
Funcionalmente Alfabetizados*	61%	61%	63%	63%	66%	73%	73%	73%	71%

Fonte: INAF 2001-2018

A dificuldade para compreensão do texto lido aumentou, conforme se observa no Gráfico 6. Em 2015, o número de pessoas capazes de compreender o que leem é bem menor (33%). Em 2007, 48% dos entrevistados disseram não ter dificuldade para ler. A explicação para esse dado ligado ao analfabetismo funcional pode estar associada à qualidade nos estudos iniciais.

Conforme o Programa Internacional de Avaliação de Alunos – PISA (2018), entre 2 e 30 de maio, cerca de 13 mil estudantes foram avaliados em 2018 com foco na leitura. No entanto, os dados disponíveis para consulta são de 2017. No Gráfico 7, tem-se o desempenho dos estudantes brasileiros da educação básica quanto à leitura (407), com pontuação abaixo da média (412). Esse dado corrobora a pesquisa do IPL quanto à dificuldade dos entrevistados em relação à compreensão do que leem, sinalizado que a educação fundamental no país precisa de atenção para o melhor desempenho dos estudantes, sobretudo no ensino médio e superior.

Gráfico 7 – Desempenho dos estudantes brasileiros do ensino fundamental em leitura

Fonte: Fundação Lemann (2017).

Retomando o Gráfico 6, tem-se outro dado interessante: o aumento na dificuldade de atenção na leitura. Em 2007, 7% dos entrevistados informaram ter problemas de concentração. Em 2015 eles representam 11%. Como a pesquisa do IPL é meramente quantitativa não há como compreender o sentido dessas respostas quanto as suas causas, embora suponha-se aqui que as gerações mais recentes estejam se tornando mais dispersas com a difusão das tecnologias interativas e de comunicação instantânea usadas em telefones celulares. Também é possível que a leitura de textos hiperlinkados impactem no foco dos leitores habituados ao texto digital. Enfim, são especulações que talvez estejam em vias de estudo nestes tempos de cultura digital e de novos comportamentos de leitura mediada pela tela de celulares, tablets e computadores.

6.3 O acesso às bibliotecas

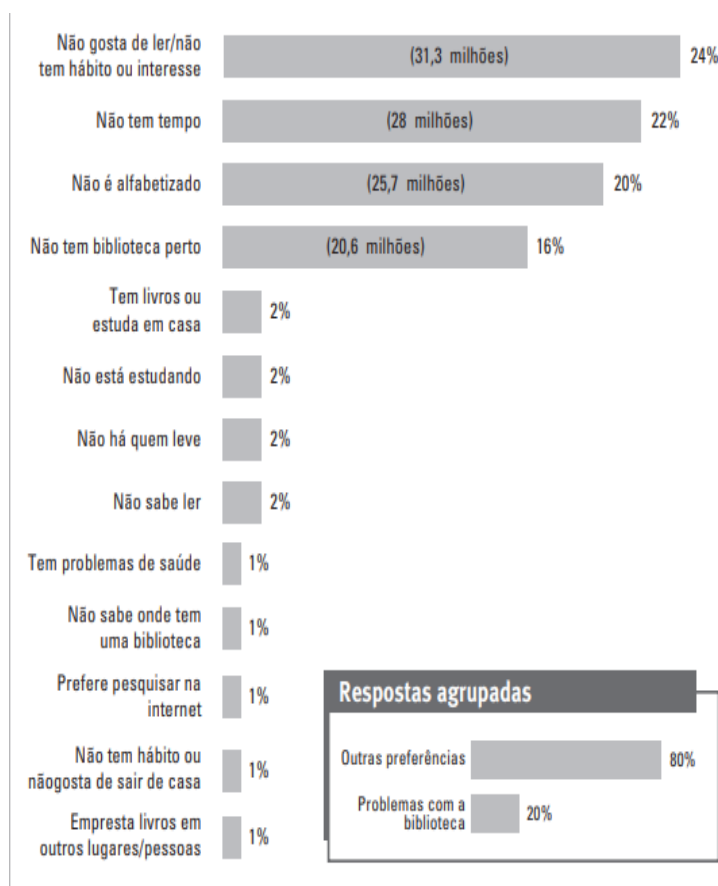
O trabalho de democratização da leitura começa a partir do acesso livre à biblioteca, permitindo um desenvolvimento íntimo e dinâmico, tendo como consequência uma cultura letrada e uma comunidade competente em informação.

Sobre a variável o acesso, uso e avaliação das bibliotecas, a pesquisa Retratos da leitura no Brasil (2016), mostra que:

Em geral, o brasileiro vê a biblioteca como um espaço de estudo e pesquisa. Contudo, chama atenção que cerca de 29% também acham que ela é um local para se emprestar livro, o que vai ao encontro do fato de que o empréstimo, entre eles em biblioteca, é uma das principais formas de acesso ao livro.

No gráfico 8, obtido da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil do ano de 2008, é possível observar os motivos apresentados pelos entrevistados para não frequentar a biblioteca. Vê-se que a maioria (24%) afirma não gostar de ler, ou que não possui o hábito ou o interesse em ler. Predomina também como explicação a falta de tempo (22%) para a leitura. Dificuldades com base na escolaridade são apresentadas pelos não alfabetizados (20%). Parte da amostra também alega não dispor de biblioteca próxima ao local em que mora (16%). O conjunto dos três primeiros dados é revelador do quanto a leitura não faz parte da vida dos brasileiros, seja pela falta de interesse, seja pela falta de domínio dos conhecimentos que permitem às pessoas o acesso aos significados da palavra escrita.

Gráfico 8 - Por que a população não frequenta bibliotecas



Fonte: IPL (2008).

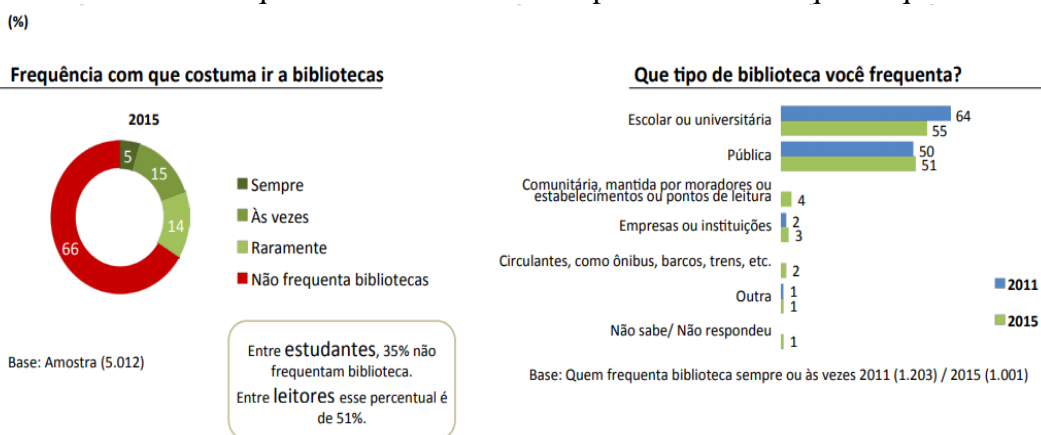
Por outro lado, ainda que em menor proporção, os dados do Gráfico 8 mostram que outros meios são utilizados para o acesso à leitura. Assim, entre os brasileiros que têm o texto escrito como parte de suas vidas, o acesso a materiais de leitura ocorre por

meio de outros espaços que não o ambiente físico das bibliotecas. Esses espaços são indicados como outros lugares em que podem fazer empréstimos, ou pessoas (familiares, amigos, colegas de trabalho) com as quais podem conseguir livros, bem como os meios tecnológicos conectados à Internet por meio dos quais podem ter acesso a *e-jornais* e a *e-books*.

Os dados presentes no Gráfico 9 abrangem os anos de 2011 e 2015. Eles mostram a frequência com a qual os brasileiros vão às bibliotecas e os tipos dessas unidades de informação que costumam frequentar. Entre a categoria estudantes, 35% dizem não frequentar biblioteca. Entre os leitores em geral, esse percentual é de 51%. Em termos de frequência, 66% dos entrevistados dizem não frequentar as bibliotecas ou raramente as frequentam (14%). Somente 5% da população declararam frequentar sempre, e 15%, às vezes.

Sobre o tipo de unidade de informação, a biblioteca mais frequentada pelos entrevistados é a escolar ou universitária (64%), seguida pela pública (55%). Bibliotecas comunitárias (4%), ou instaladas em empresas ou outras instituições (2%) também são mencionadas, mas com baixos percentuais. A pesquisa confunde tipos de bibliotecas com serviços de extensão. Nesse sentido, o Gráfico 9 também mostra esses serviços (em ônibus, barcos ou trens) – normalmente mantidos por bibliotecas públicas – como meios que possibilitam o contato do público com a leitura.

Gráfico 9 - Frequência em bibliotecas e tipo de biblioteca que frequenta



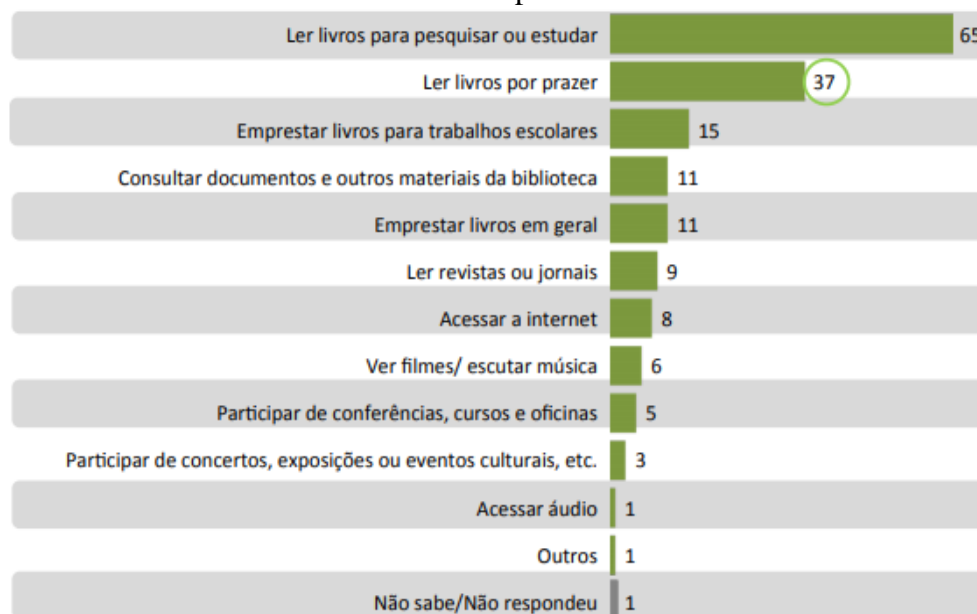
P.52) O(a) sr(a) diria que costuma ir a bibliotecas _____?
P.52A) Quais desses tipos de biblioteca o(a) sr(a) frequenta?

Fonte: IPL (2016).

Com relação às menções feitas às bibliotecas escolares ou universitárias como *locus* de leitura, estas podem ser explicadas pelo fato de que os frequentadores estão ativos na vida escolar/acadêmica. Por conseguinte, a existência dessas unidades de informação no mesmo local em que estudam facilita o acesso a diversos materiais de leitura (impressos ou digitais). Por outro lado, como registra o Gráfico 10, a biblioteca é mais do que um local para ler.

Os motivos para ir às bibliotecas estão presentes na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Conforme estão representados no Gráfico 10, esses motivos aparecem em maior porcentagem na pesquisa de 2015, ou seja, na 4ª edição. Entre as razões levantadas, têm-se as seguintes: ler livros para pesquisar ou estudar; ler livros por prazer; emprestar livros para trabalhos escolares; consultar documentos e outros materiais; emprestar livros em geral; ler revistas e jornais; acessar a Internet; ver filmes/escutar música; participar de conferências, cursos e oficinas; participar de concertos, exposições ou eventos culturais; acessar áudio.

Gráfico 10 - Motivos para ir a bibliotecas



Fonte: IPL (2016).

De um modo geral, os dados presentes no Gráfico 10 mostram que a ida à biblioteca está fortemente associada aos estudos. Essa ideia é confirmada pelas respostas que falam em “ler livros, pesquisar e estudar” (65%) e “emprestar livros para trabalhos escolares” (15%). Isso reforça a ideia de que a biblioteca é um lugar de estudantes, de pessoas alfabetizadas, sobretudo pela associação da leitura ao texto

escrito. Nessa direção, uma categoria de leitores como aqueles discutidos por Freire (2005), dotados apenas da *leitura do mundo* não se reconhece como público a ser atendido pelas bibliotecas. Nota-se, assim, a menor presença de pessoas para assistir filmes e ouvir músicas (6%), formas de expressão essas que não exigem necessariamente o domínio da *palavra mundo*.

Ainda como mostra o Gráfico 10, unidades de informação como as bibliotecas públicas, por exemplo, promovem outras atividades entendidas no âmbito da Biblioteconomia como ação cultural. São exemplos de ação cultural, entre outros, as exposições. Conferências, cursos e oficinas também são atividades promovidas nas bibliotecas, mas que nos dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil respondem por uma procura menor, tanto por parte dos leitores quanto dos não leitores, talvez indicando a necessidade de uma divulgação mais ampla dessas iniciativas.

A pesquisa do IPL aqui tomada como objeto de estudo confirma que o gosto pela leitura é uma construção que pode ter início ainda na infância e se estender ao longo da vida, para além da idade escolar ou da formação universitária. Como uma construção social o gosto pela leitura pode ser influenciado diretamente por pessoas próximas. Além dos pais e dos professores, têm-se também os ambientes educacionais (escolas, universidades, etc.) e culturais (salas de leitura, bibliotecas, etc.) envolvidos nesse processo. Nesse último ambiente, a biblioteca figura como um importante espaço na construção do hábito/gosto leitura. Sobre elas, a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil apontam para um enorme desafio no processo de estímulo e propagação da leitura para a inclusão da população brasileira, tanto do segmento leitor quanto do segmento não leitor (que dispõe das condições para ler e não quer ler; ou que não dispõe das condições educacionais para ler).

Embora os dados da pesquisa do IPL mostrem avanços na leitura, sobretudo em termos de aumento do número de brasileiros leitores e da incorporação de tecnologias como a Internet, os desafios persistem. Mas o que pode ser feito para solucionar ou minimamente reduzir esses desafios? Por que a maioria das bibliotecas não atinge o público leitor? O desenvolvimento de ações culturais seria uma das formas para atrair público, ou para as bibliotecas levarem a leitura até os leitores que ainda não conseguem ser atendidos? As bibliotecas ainda enfrentam dificuldades para se promoverem de forma mais ampla, sobretudo os serviços que têm a oferecer à sociedade? Embora as respostas a essas questões não estejam no escopo deste estudo, essas perguntas são

sempre necessárias para se pensar nos encaminhamentos que a leitura e as bibliotecas merecem.

Considerando que uma das missões da biblioteca é o desenvolvimento cognitivo e cultural dos usuários e da comunidade na qual está inserida, vimos neste trabalho que a leitura é uma das estratégias culturais a ser priorizada nessas instituições seculares que lidam com o livro, com a informação, com o conhecimento, com a memória e com a cultura. Portanto, fomentar a leitura com os benefícios já tão conhecidos pode resultar em avanços, em mudanças positivas para pessoas e grupos, não só na dimensão educacional e cultural, mas também na dimensão cidadã. Com efeito, embora os resultados sejam lentos, governos, iniciativa privada e sociedade precisam continuar investindo esforços em favor da leitura, desenvolvendo conjuntamente políticas, programas, projetos e planos de ação capazes de produzir novos avanços.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou analisar a situação da leitura no país, bem como suas barreiras e seus impactos na sociedade brasileira, mostrando as dificuldades relacionadas à habilidade e competência leitora da população. O estudo foi apoiado nas edições da pesquisa do Instituto Pró-livro e em seus boletins, que desde a sua primeira edição busca retratar os hábitos e a relação da população (estudantes ou não) com a leitura. Sendo assim, foi possível verificar o quadro em que a amostra utilizada pela pesquisa do IPL se encontra.

Nos critérios empregados na metodologia do IPL, verificou-se que o leitor é representado ainda de forma tradicional, ou seja, como aquele que lê livros. Mais do que isso, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil considera leitor aquele que leu até livros, e não leitor aquele que leu apenas um livro; portanto, ela assume um enfoque quantitativo da leitura. Essa abordagem, ainda que necessária à viabilidade da pesquisa, acaba por restringir as diferentes possibilidades de leitura que ultrapassam o objeto livro. Além disso, mais importante do que a quantidade de livros lidos por uma pessoa é a qualidade da compreensão sobre o que foi lido. Assim, ler mais não significa necessariamente compreender melhor, haja vista os dados apresentados sobre o aumento do analfabetismo funcional entre a população brasileira.

Levando em consideração que o ato de ler não pode estar limitado apenas ao livro físico. A apropriação dos meios de sociabilidade como a Internet é um dos modos de promover o desenvolvimento do hábito e da habilidade leitora. Como já é amplamente sabido, ela é uma ferramenta importante que pode ser estrategicamente usada para a criação de esquemas e ações voltadas ao estímulo da leitura, bem como na divulgação de programas e projetos que permitam o contato do indivíduo com objetos e meios culturais no ambiente digital.

Em que pesem as críticas, há que reconhecer que o apoio de instituições como o IPL é importante na área da educação e da cultura, pois ajudam a implementar ações voltadas ao desenvolvimento da capacidade leitora da sociedade. Os dados apresentados pelo IPL na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil podem ser entendidos como um dos pontos de partida para ações mobilizadoras a favor da leitura, uma vez que tem entre seus eixos estratégicos: a promoção do acesso ao livro a todos os cidadãos; o fomento à leitura e formação de mediadores; o desenvolvimento da cadeia produtiva do livro; a inclusão cultural e a cidadania. Assim, os dados que a pesquisa do IPL fornecem

representam ao menos uma base para se trabalhar e buscar resolver os problemas ligados à leitura.

Para finalizar, cabe destacar que, entre os dados apresentados na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, o que mais chama atenção é a falta de interesse dos entrevistados pela leitura e pelas bibliotecas. Isso permite concluir que existe um hiato que separa os discursos produzidos pela academia sobre a leitura – aqui representados pelos autores que fundamentaram a parte teórica da pesquisa – e a forma como os materiais de informação e as bibliotecas são percebidas pela população brasileira. Isso permite concluir que, apesar dos avanços na educação entre 2008 e 2015, esses não foram acompanhados pelo fortalecimento da leitura como um hábito prazeroso a ser cultivado para toda a vida. Por conseguinte, governos, educadores e bibliotecários precisam buscar e fomentar novas abordagens à leitura nas séries escolares, de modo a substituir o foco na “leitura como obrigação” pelo cultivo do “prazer de ler”, esse último aqui entendido como aquele capaz de contribuir para a formação de uma população efetivamente leitora.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Leitura no Brasil**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.
- AMARO, R. K. O. F. **Biblioteca interativa**: concepção e construção de um serviço de informação em ambiente escolar. São Paulo: ECA-USP, 1998.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Report of the presidential committee on information literacy**: final report. 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/ala/acrl/acrlpubs/whitepapers/presidential.htm>. Acesso em: 31 dez. 2018.
- BAECHLER, J. **Grupos e Sociabilidade**: Tratado de Sociologia. Lisboa: Edições Asa, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BIBLIOTECA PARQUE VILLA-LOBOS. **Quais são os países mais leitores do mundo?** 2016. Disponível em: <https://bv1.org.br/quais-sao-os-paises-mais-leitores-do-mundo/#prettyPhoto>. Acesso em: 27 maio 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BRASIL. [Constituição (1998)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação sobre livro e leitura**. Brasília, DF: Edições Câmara, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Interministerial n.1442, de 10 de agosto de 2006. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Brasília, DF, n.154, p.18-19, 11 de ago. 2006. Disponível em: <http://www.in.gov.br/imprensa/in>. Acesso em: 2 maio 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função pedagógica: o literário na escola. **Revista ACB em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 20-33, ago. 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/371/443>. Acesso em: 25 Set. 2018.
- CARNEIRO, Honorina. Maria Simões. Leitura e inclusão social. **Rev. de Letras**, Fortaleza, v. 1, n. 25, jan./dez. 2003.
- CARVAJAL PÉREZ, Francisco; RAMOS GARCIA, Joaquín. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever**: aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, R. **Formas e sentido - cultura escrita**: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

CORREA, Elisa Cristina Delfini *et al.* Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 107-123, 2002. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/458>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CUNHA, Murilo Bastos da. Das bibliotecas convencionais às digitais: diferenças e convergências. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 13, n. 1, p. 2-17, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a02.pdf>. Acesso em: 09 de abr. 2019.

DÉTREZ, Christine. Le capital culturel. **Idees**, [s.l.], n. 142, p. 6-13, 2005. Disponível em: <https://dpearea.files.wordpress.com/2014/01/le-capital-culturel.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2019.

DUDZIAK, Elisabeth A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Reuniões Internacionais de Políticas Nacionais de Leitura**. Rio de Janeiro, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GRAVETT, Paul. **Mangá**: como o Japão reinventou os quadrinhos. São Paulo: Conrad, 2006.

IFLA. **International Federation of Library Associations and Institutions**. 1999. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resourcecenters/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2018.

IFLA. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas públicas**. 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-ptbrasil.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**: Estatísticas de Gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país. Disponível em: encurtador.com.br/nrDP1. Acesso em: 27 maio 2019.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de alfabetismo funcional - INAF Brasil 2018**: resultados preliminares. São Paulo: Ação Educativa, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ez-6jrlrRRUm9JJ3MkwxEUffltjCTEI6/view>. Acesso em: 17 de abr. 2019.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/>. Acesso em: 28 maio 2019.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/>. Acesso em: 28 maio 2019.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/>. Acesso em: 28 maio 2019.

KLEIMAN, Angela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KUHLTHAU, Carol Collier. **O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MIRANDA, A. L.; LEITE, C.; SUAIDEN, E. A biblioteca híbrida na estratégia da inclusão digital na biblioteca nacional de Brasília. **Inclusão Social**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 17-23, out./mar. 2008.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: Designing Social Futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, p. 60. 1996.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Lilian; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2007.

PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS. **Aplicação do Pisa 2018 termina com cerca de 13 mil estudantes avaliados**. 2018. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/aplicacao-do-pisa-2018-termina-com-cerca-de-13-mil-estudantes-avaliados/21206. Acesso em: 4 jun. 2019.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2009.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano XVIII, p. 145, nº 60, dezembro, 1997.

ROSA, Merval. **Psicologia evolutiva**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

RUSCH-FEJA, J. A. Digital libraries: information de zunkunft fur die informationsversorgung und -bereitstellung? **BIT on-line**, n. 2, parte 1, cap. 1/3 ed. 4, p. 281-306, 1999. Disponível em: <http://www.b-i-t-online.de/archiv/1999-02/fachbeit/rushfeja/artikel.htm>. Acesso em: 3 mar. 2019.

SÁ-SILVA; Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, jul. 2009. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/viewFile/6/pdf>. Acesso em: 6 maio 2019.

SILVA, E. A contribuição da biblioteca escolar na formação de leitores enfocando o desenvolvimento individual e organizacional. **Biblioteca Escolar Em Revista**, São Paulo, v. 3, p. 15-30. 2015.

SILVA, J. F. M.; SIQUEIRA, I. Biblioteca escolar como uma questão de direitos humanos. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 38-50, 2014. Disponível em: <http://revistas.ffclrp.usp.br/BEREV/article/view/326/pdf>. Acesso em: 17 nov. 2018.

SILVA, R. J. Formar leitores na escola. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 73-76.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Informações sobre bibliotecas públicas**. [201-?]. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/bibliotecaspublicas/>. Acesso em: 4 jun. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VIEIRA, Ronaldo. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.